

A construção do Monumento à fundação de São Paulo e a invenção de um missionário-bandeirante

Ana Rita Uhle¹

1. O *Monumento à Fundação de São Paulo* foi inaugurado em 1963 para comemorar o nascimento de São Paulo e celebrar o papel dos portugueses na construção da cidade. Para isso, a obra promove um encontro, em bronze, de figuras históricas, todas contemporâneas ao início da Vila de Piratininga. O monumento foi idealizado por um grupo de portugueses e luso-brasileiros ligados ao Clube Português de São Paulo (com a colaboração de outros núcleos de cultura portuguesa, como o Centro Transmontano e a Casa de Portugal) e tinha como principal objetivo a celebração da figura de Manoel da Nóbrega como fundador da cidade.

Este artigo traz uma reflexão sobre a produção do *Monumento à Fundação de São Paulo*, levando em consideração três momentos: a idealização da homenagem, a construção de uma nova imagem do padre Manoel da Nóbrega e a produção da obra. Levantaremos alguns pontos fundamentais no debate sobre a história do monumento e a memória que comemora, com ênfase no grupo que o promoveu e no trabalho do escultor. Este debate é parte de minha pesquisa de doutorado, na qual analiso a produção de monumentos sobre a história paulista, localizados na cidade de São Paulo.



Figura 1: Monumento a Fundação de São Paulo. Abril/ 2009.

¹ Doutoranda, aluna do programa de pós-graduação em História da Universidade Estadual de Campinas, financiada pelo CNPq.

Do ponto de vista teórico, tomo emprestada a perspectiva de Baxandall (1991) ao tratar da produção pictórica italiana no Renascimento, quando investiga as relações entre artistas e clientes, os contratos ou preços, definindo “faculdades e hábitos visuais característicos”, e a obra como produto de um conjunto de práticas sociais. É a partir das redes sociais que se afirmam, ou reafirmam, em torno da construção do monumento e do esforço na produção de uma narrativa historiográfica, materializada na obra, que procuro construir esta análise.

O *Monumento à Fundação de São Paulo* está localizado em uma pequena praça da Rua Manoel da Nóbrega, bem próximo ao Parque do Ibirapuera. Foi transferido do local onde esteve originalmente (a Praça Clóvis Bevilacqua, no centro de São Paulo) em razão das obras do metrô. Na Rua Manoel da Nóbrega, o monumento aparece quase que escondido em meio às árvores da praça onde está instalado e ao estacionamento de ônibus e carros. Trata-se de uma rua residencial com pouco trânsito de pedestres e circulação moderada de automóveis, localizada em bairro nobre da capital paulista, a Vila Mariana.

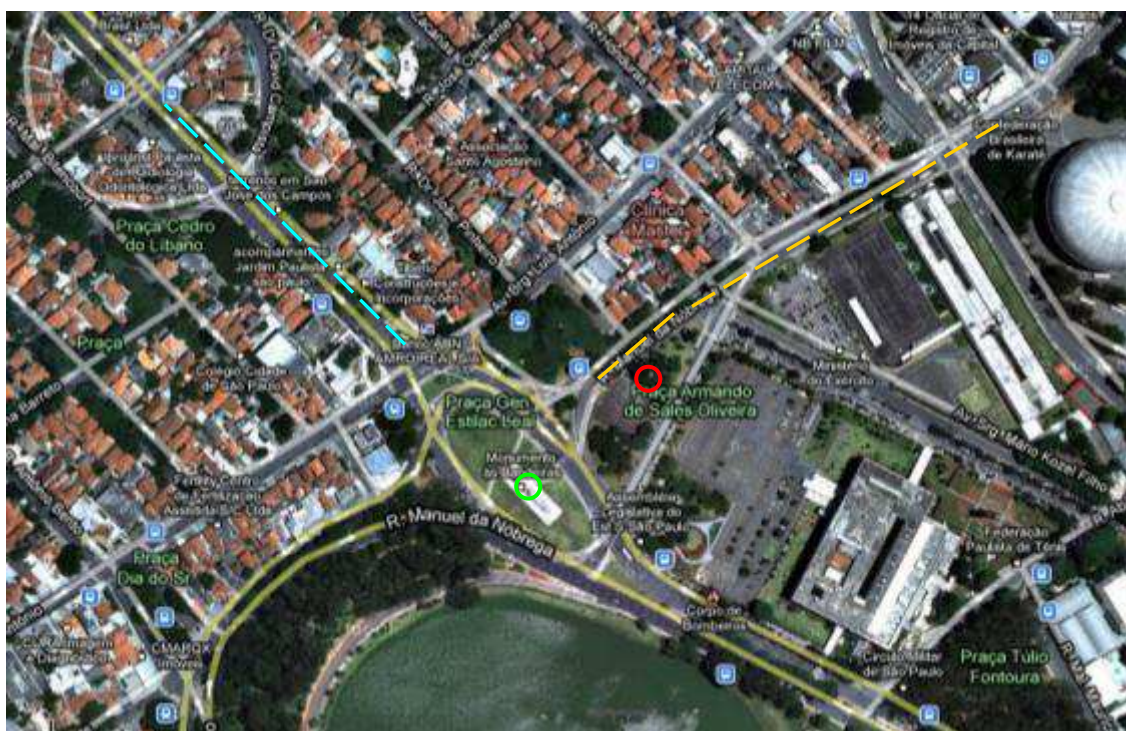


Figura 2: Vista aérea da região onde está localizado o Monumento a Fundação de São Paulo

Na fotografia acima, é possível observar a pequena praça onde o Monumento está localizado e compará-la com o enorme espaço destinado ao *Monumento às*

Bandeiras. Não se trata de confrontar as duas obras, é evidente que são monumentos de dimensões diferentes, de propostas diferentes (o Monumento às Bandeiras, por exemplo, foi encomendado pelo próprio governo de São Paulo) e de importância completamente distinta. De todo modo, a enorme praça que abriga a obra de Brecheret está no caminho de uma grande via com tráfego intenso de automóveis, a Avenida Brasil, e é vista de frente pelos carros que se aproximam, além de não possuir árvores, reservando todo o destaque para a obra.

A situação incômoda do *Monumento à Fundação de São Paulo* na atual praça explica-se, por um lado, em razão da mudança do local onde havia sido originalmente inaugurado. A praça está longe de ser ideal para abrigar uma obra do gênero, uma vez que a fruição do trabalho exige sua visibilidade. Ali, as árvores cobrem o Monumento, diminuindo o destaque e tornando difícil observá-lo ou tomar fotografias, em razão das sombras e galhos que cobrem as estátuas. Para quem circula de carro, a obra fica ainda mais escondida. Um detalhe interessante é que após a transferência o principal homenageado (Manoel da Nóbrega) acabou ficando de costas para os passantes, tornando-se a figura de menor destaque no conjunto.

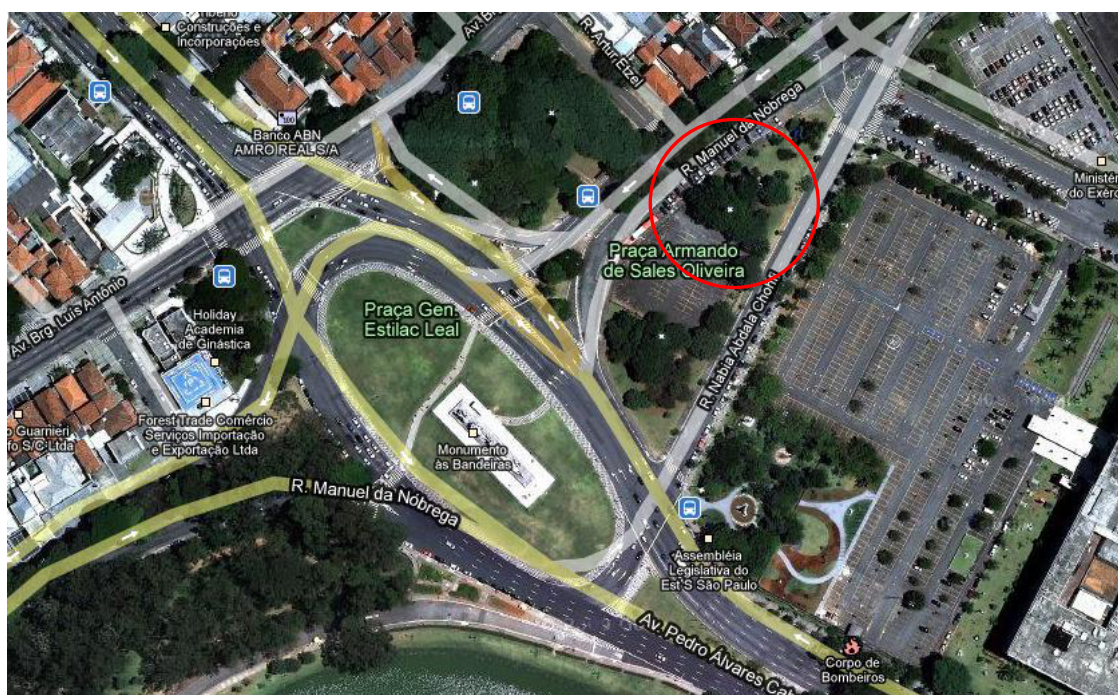


Figura 3: Vista aérea do Monumento a Fundação de São Paulo, coberto por árvores.

Não se trata de argumentar em favor de localização mais nobre para a obra, mas sim de arriscar possíveis explicações para a situação, de tomar o espaço como tema para

reflexão. O aparente desajuste da obra na praça que a abriga poderia até mesmo indicar uma direção para a análise sobre a história do *Monumento à Fundação de São Paulo*, afinal, a obra tem uma longa trajetória, povoada de interditos, tal e qual o cenário onde hoje se encontra.

A obra está inserida na proposta de um grupo que atuou por cerca de dez anos na cidade de São Paulo, a partir da criação, às vésperas da comemoração do IV Centenário da cidade, do Movimento Pró-Padre Manoel da Nóbrega – Fundador de São Paulo, idealizado por membros da comunidade portuguesa local. O grupo tinha por objetivo coroar Nóbrega como fundador da cidade. Entre os diversos projetos pensados para comemorar o personagem histórico, estava a construção de um monumento celebrativo em praça central da cidade.

Observando artigos e atas do período inicial do Movimento Pró Nóbrega, constata-se, para além da celebração do jesuíta, o esforço na produção de um discurso de reabilitação do elemento português na historiografia brasileira (na década de 1950 a empresa colonizadora já era alvo de inúmeras críticas em análises produzidas dentro das universidades), a tentativa de barrar o crescimento de um discurso que reforçava a identidade italiana (inicialmente rejeitada, mas posteriormente explorada pelos próprios paulistanos), a oportunidade de consolidar o papel de Portugal na formação de uma das cidades mais prestigiadas do país, aproveitando a proximidade dos festejos do IV Centenário da cidade de São Paulo, que se realizaria no ano de 1954.

O *Monumento à Fundação* surgiria como resultado de um longo caminho percorrido pelo Movimento Pró-Nóbrega, buscando cumprir um programa de valorização da memória portuguesa em São Paulo, por diversos meios e a partir de recursos variados. Esses recursos eram, por exemplo, a publicação de artigos em jornal, a veiculação de programas de rádio, a distribuição de panfletos e a construção de monumento celebrativo, em uma estratégia de re-elaboração da memória e fortalecimento da comunidade portuguesa na cidade.

A disputa pela paternidade de São Paulo ocorreria em um momento especial: a cidade era nacionalmente prestigiada e estava às vésperas de comemorar seu aniversário de 400 anos. Era a ocasião ideal para destacar personagens e celebrar memórias. Assim, a proposta do Movimento, de elevar o padre Nóbrega ao posto de fundador da cidade de

São Paulo, lugar até então ocupado por José de Anchieta², começaria baseando-se em dois argumentos: a comprovação histórica do fato e a apresentação de um discurso autorizado, que reforçaria a tese do grupo. A campanha se espalharia pela imprensa, especialmente nos jornais da comunidade portuguesa (“Mundo Português”, “Portugália” e “A Voz de Portugal”), embora também tenha atingido veículos de grande circulação como “O Estado de São Paulo”, a “Folha da Noite” ou o “Correio Paulistano”.

O principal obstáculo em considerar Nóbrega o fundador de São Paulo era o fato de não estar presente no episódio de fundação da cidade. A Primeira Missa (realizada pelo padre Manoel de Paiva) já havia sido assimilada como o momento do nascimento simbólico de São Paulo, transformando-se, inclusive, em data comemorativa do aniversário da cidade.



Figura 4: “Fundação de São Paulo”. Tela de Oscar Pereira da Silva, 1909. Acervo do Museu Paulista.

A tela de Oscar Pereira da Silva é um indício importante, entre outros que poderiam ser mencionados, de que já estava sedimentada a data do aniversário de nascimento da cidade. Basta observarmos que em 1909, ano em que o artista produz a obra, já havia uma associação automática entre a Primeira Missa e o momento de fundação, uma vez que o título do quadro é *Fundação de São Paulo* e o episódio representado é a cerimônia realizada por Manoel de Paiva. Havia também uma tradição

² De acordo com Tito Lívio Ferreira, Anchieta foi apontado como fundador de São Paulo nas Conferências Anchiéticas de 1896, por Eduardo Prado, com objetivo de reforçar a campanha pela santificação do padre. (PIMENTA(a), 1970:259)

visual a respeito do episódio, transformado em imagem a partir dos relatos de jesuítas que estiveram presentes na cerimônia.

Para superar este obstáculo, os intelectuais do Movimento Pró Nóbrega teriam que emplacar uma nova data de fundação para São Paulo (29 de agosto de 1553, dia da missa realizada por Nóbrega), proposta que enfrentaria uma enorme resistência porque alteraria, evidentemente, toda elaboração simbólica em torno da história paulista. Outra opção, mais plausível, seria argumentar que Nóbrega era o idealizador de Piratininga por ter ordenado a construção do Colégio que deu origem a cidade (esta também é uma leitura controversa, pois alguns autores argumentariam, na época, que São Paulo teria surgido a partir do núcleo de Santo André, fundado por João Ramalho). O grupo terminou por concentrar-se na idéia de que Nóbrega havia vislumbrado Piratininga e planejado sua construção, seu futuro glorioso, antes mesmo da cidade existir e seria uma espécie de fundador espiritual da Vila de Piratininga.

2. Quem assumiria a empreitada de construir um novo Nóbrega (o fundador de São Paulo) seria o próprio idealizador do Movimento Pró-Nóbrega, José de Melo Pimenta, dizendo partir de “uma figura que era totalmente desconhecida, pois não havia qualquer ilustração que lhe definisse os traços faciais” (PIMENTA(a), 1970:251). Ao partir de características atribuídas à personalidade do Padre Nóbrega, no contexto do Movimento Pró-Nóbrega, o autor idealizaria correspondências entre características físicas e de sua personalidade, inspirando-se especialmente na descrição feita por Serafim Leite, padre jesuíta autor da *História da Companhia de Jesus no Brasil* e nos documentos citados nesta obra.

Pimenta não possuía formação artística e enfatizava que a obra era resultado da dedicação aos estudos de história. Proclamava estar certo de que o padre criado por ele era fiel ao Nóbrega que de fato existiu: “Penso que Nóbrega não poderia ter sido diferente, e assim pensa também Serafim Leite, Tito Lívio Ferreira e todos aqueles que o tem estudado com profundidade” (PIMENTA(a), 1970:252).

De um modo geral, Pimenta caracterizou a personalidade de Nóbrega como um homem firme e realizador, um visionário e, por outro lado, um religioso humilde e “de bom coração”. A composição da personalidade de Nóbrega se dava a partir de características opostas e, ao mesmo tempo, complementares. O jesuíta seria uma espécie de mistura entre o bom padre (incorporado por Anchieta) e o bandeirante (incorporado por João Ramalho). A partir desses traços, o autor produziria elementos físicos que os

representavam. O novo Nóbrega parecia encarnar duas figuras opostas, o missionário e o bandeirante.

Se não havia um retrato de Manoel da Nóbrega executado em sua época, era fato que desde então algumas imagens haviam sido produzidas. É partindo da negação de uma imagem recorrente que Pimenta pensou produzir o novo retrato, pois “apenas o que apresentavam os livros escolares era a figura flácida de um homem gordo, baixo e calvo”.³ Afinal, não poderia corresponder àquelas características o fundador de São Paulo, não poderia ser apresentado ao público paulista o novo herói e, principalmente, não combinava com a descrição que Melo Pimenta fazia dele, sobretudo, com o “espírito irrequieto e profundamente responsável de estadista, de líder, de missionário.”

O autor criou um homem com traços faciais vigorosos, representando a força que teve ao enfrentar lugares inóspitos na nova colônia. O trecho que serviu de inspiração para a construção desse homem forte, foi retirado de Rocha Pombo:

“Andando de vila em vila, de aldeia em aldeia, todo o dia sem descanso, atravessando montes e sertões, a pé, e muitas vezes sem nada ceder de seu estoicismo à fome e à sede... Nunca teve descanso – é preciso repetir. Em São Vicente, vivia do litoral para a serra, dos campos para as florestas, descendo e subindo, não faltando em nenhuma choça onde houvesse enfermos de alma ou de corpo.”

Aqui, parece-me evidente a aproximação do caráter do jesuíta com o bandeirante, uma vez Nóbrega teria também desbravado toda espécie de obstáculo da natureza (e por uma causa considerada mais nobre, a evangelização). A dureza dos traços de seu rosto contrastaria com uma suavidade do semblante, que representava a bondade de Nóbrega. Pimenta diz ter se inspirado na descrição feita por Anchieta: “Era para os Irmãos muito benigno e piedoso e pelas entranhas do amor com que os amava, sempre conservou a santa simplicidade antiga de Coimbra.”

Os lábios finos e serrados fazem referência ao que Pimenta considera a firmeza de suas resoluções, a confiança e certeza de suas palavras. Os olhos comportam vários significados: sobrolhos carregados referem-se à profunda franqueza de suas afirmações, os olhos com pálpebras semicerradas, produzindo um olhar sereno, representariam a personalidade “humilde, profundamente humilde”, enquanto o olhar firme e direto refere-se a uma personalidade destinada a enxergar o futuro, como uma espécie de

³ Discurso de Melo Pimenta em São Vicente. (PIMENTA(b), 1970:275)

visionário. Finalmente, Pimenta opta por fazer um nariz aquilino, “símbolo de sua perspicácia nunca desmentida e agudeza nas resoluções tomadas, sempre perfeitas.”



Figura 5: Cabeça de Manoel da Nóbrega produzida por José de Melo Pimenta, localizada no jardim do Pátio do Colégio. São Paulo/SP.

A cabeça produzida por Melo Pimenta acabou espalhando-se por diversos lugares e hoje é, sem dúvida, umas das representações mais recorrentes de Manoel da Nóbrega. Exemplo disso é o próprio *Monumento aos Fundadores de São Paulo*, que trará a imagem de Nóbrega consoante à criação de Pimenta, e alguns cartazes distribuídos por ocasião dos festejos do IV Centenário.



Figura 6: Cartaz produzido pelo IHGSP para os festejos do IV Centenário de São Paulo.

Foi doada ao governo do estado de São Paulo, ao Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, ao Consulado de Portugal, à cidade de Sanfins do Douro, cidade natal de Manoel da Nóbrega onde está posicionada em praça pública, e à prefeitura de São Vicente (doação feita pelo pai do autor, Manuel de Melo Pimenta) tendo sido inaugurada no ano de 1963. Pode ser ainda encontrada no Pátio do Colégio, onde há uma enorme reprodução no jardim externo e uma pequena cópia no interior do museu. A cabeça de Nóbrega foi ainda aprovada e reproduzida nos selos comemorativos oficiais do IV Centenário de São Paulo, emitidos pelo governo português.

3. Luiz Morrone é um escultor brasileiro que iniciou sua carreira trabalhando como assistente no ateliê de Cantarelli e, mais tarde, com Ettore Ximenes, auxiliando-o na construção do Monumento do Ipiranga. Tornou-se um dos escultores com maior número de obras executadas na cidade de São Paulo – entre bustos e monumentos. De família de imigrantes italianos, Morrone nasceu no bairro do Brás e era filho de pai comerciante. Escultor muito bem sucedido na cidade de São Paulo, Morrone soube fazer alianças com algumas figuras influentes da elite paulista e teve demanda de trabalho a vida toda. O artista conquistou um filão no mercado da arte. Jamais fez obra para exposição, seu trabalho concentrou-se exclusivamente em bustos e monumentos.

Adquiriu grande experiência na composição de monumentos celebrativos, bustos e estátuas, em razão do enorme volume de trabalho e de percalços ocorridos no início da carreira. Morrone sabia da importância de se estudar detalhadamente a história do personagem/fato histórico celebrado, especialmente por causa de um episódio que o havia marcado, ocorrido na construção de monumento na cidade de Santos. Em entrevista à Maria Cecília Lourenço, Morrone falaria sobre a importância do estudo do tema para o escultor:

“Tem que estudar a vida dele, toda a história, a biografia dele, tudo o que você imaginar e fazer a figura. Não fazer como muita coisa que tem por aí, como eu mesmo tenho uma coisa errada dentro da Prefeitura de Santos. Eu fiz um grande, duas figuras de um bandeirante e um catequista. O catequista lá, o orador que era o Padre Manoel da Nóbrega, depois que eu fiz a estátua foi inaugurada, foi elogiado, tudo, não é? Aí que eu fiquei sabendo o erro através de outras leituras, que o homem era gago, como podia ser orador? Orador. Pode ser um grande sujeito, mas não é orador, não é verdade? Então

ficou mal, ficou mal pra mim aquilo lá, mas enfim tudo [inaudível] ficaram quietos, acabaram.”⁴

Após o episódio do monumento de Santos, acabou filiando-se ao Instituto de Ciências e Letras, Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e Instituto Genealógico. Outra filiação importante do escultor, que pode explicar a confiança que o grupo nobreguense tinha nele, convidando-o para participar do júri e posteriormente encarregando-o de terminar a obra, era à Academia Luso-Brasileira. Morrone construiu inclusive um bom número de monumentos em Portugal.⁵

A obra definitiva, construída por Morrone, seria chamada *Monumento à Fundação de São Paulo* e homenagearia as seguintes figuras: Manoel da Nóbrega, José de Anchieta (acompanhado por uma criança indígena), Manoel de Paiva, João Ramalho, Bartira (que teria um filho nos braços), Tibiriçá e Martim Afonso de Sousa. A obra teria uma base retangular em granito e uma cruz posicionada entre os personagens, símbolo central do monumento, representando a fé dos paulistas. As oito figuras estão em pé sobre pedestal e base, ambos de granito. Na base do Monumento, há dois altos-relevos: um deles inspirado no quadro de Benedito Calixto, “Fundação de São Vicente” e, outro, na obra “Fundação de São Paulo”, de José Parreiras (alto-relevo roubado em 2004).

É um monumento em que o escultor ousou pouco na forma. Há um cuidado extremo com a clareza e o didatismo do discurso e isso se reflete, por exemplo, na preocupação em legendar toda a obra, já que cada personagem tem seu nome transcrito. Quando o espectador circunda o Monumento, observa os personagens como se fossem modelos de um museu de história: paramentados e fixos, cada um deles trazendo uma placa de identificação. O grupo está unido em torno de uma causa comum, os conflitos são dissolvidos em um discurso harmônico. O próprio Melo Pimenta havia afirmado que o objetivo deste Monumento era ser mais do que um bloco estático, mas constituir-se em uma aula de história. Talvez por isso os personagens apareçam tão ricamente caracterizados, nas roupas, cabelos e acessórios. Apenas não transmitem movimento ou dramaticidade, uma vez que não se trata da representação de um episódio histórico, mas é a criação de uma cena, idealizada, em que os fundadores são apresentados à cidade.

Em outubro de 1962, o Monumento já estava pronto e localizado nos jardins do hospital Beneficência Portuguesa, de acordo com artigo publicado no jornal “Diário da

⁴ Secretaria Municipal de Cultura. CCSP – Divisão de Pesquisa. Equipe Técnica de Artes Plásticas. Entrevista com Luis Morrone. Data de chegada: 20/12/1984. Biblioteca da Pinacoteca do Estado, São Paulo. (s/p)

⁵ Entrevista com Elaine Morrone, sobrinha do escultor. Outubro/2007.

Noite”, em 12 de outubro deste ano. A inauguração, porém, ficou marcada para o início de 1963, em razão de ausência do presidente da Campanha. A pedra fundamental da obra foi inaugurada em 18 de outubro (data de nascimento e de morte do padre Nóbrega) de 1962, sendo que, durante cerimônia, uma caixa foi enterrada na base do monumento contendo um pergaminho que registrava a assinatura do grupo presente, além de exemplares de jornais do dia e moedas correntes do país.⁶ O Monumento foi, finalmente, inaugurado em 30 de março de 1963, na Praça Clóvis Bevilacqua, região central de São Paulo.

Todo esforço do grupo nobreguense rendeu a construção do Monumento, embora tenha ficado um pouco aquém do esperado. Tanto em razão da composição, quanto das proporções da obra. Passados os festejos do IV Centenário, o monumento ficaria perdido no tempo e, posteriormente, até no espaço. A *Tribuna de Portugal* publicaria, em abril de 1963, um quase-epitáfio: *O gigante inicialmente projetado resultou pigmeu (...) a Comunidade Portuguesa de São Paulo (...) não se mostrou capaz de ir além da triste coisa que foi inaugurada na Praça Clóvis Bevilacqua* (PIMENTA(b), 1970:258).

Referências:

BAXANDALL, Michael. O olhar renascente: pintura e experiência social na Itália da Renascença. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1991.

MICELI, Sérgio. Imagens Negociadas. São Paulo, Companhia da Letras, 1996.

PIMENTA(a), José de Melo. Cronologia Histórica da Jornada Nobreguense. São Paulo: Editora Cupolo, 1970. Vol. I

PIMENTA(b), José de Melo. Cronologia Histórica da Jornada Nobreguense. São Paulo: Editora Cupolo, 1970. Vol. IV

⁶ Diário da Noite, 18.10.1962.